



Auto da Alma: Santo Agostinho mestre de cerimônia do livre-arbítrio?

Auto da Alma: St. Augustin free will master of ceremony

Profa. Dra. Flávia Maria Corradin¹

Resumo: O artigo pretende examinar o **Auto da Alma**, de Gil Vicente sob a óptica das proposições agostinianas e tomistas, a fim de revelar-lhe as influências na peça.

Palavras-chave: teatro português; Gil Vicente; Santo Agostinho; tomismo

Abstract: The paper intends to examine Gil Vicente's **Auto da Alma** according to the propositions of St. Augustin and St. Thomas of Aquino in order to reveal the influence of both thinkers on the play.

Keywords: Portuguese theatre; Gil Vicente; St. Augustin; thomism

I. Introdução

Parte da crítica que se debruça sobre o **Auto da Alma** costuma vê-lo como ilustração da doutrina de Santo Agostinho. Tal presunção — o termo está utilizado em seu sentido etimológico — deriva da importância concedida pelo dramaturgo a Santo Agostinho, que ocupa lugar de relevo no auto. A julgar pelo papel desempenhada pelo Doutor da Igreja, podemos de fato ser levados a crer que a mensagem evangélica da peça se inspira nele. A infirmação desta suspeita só pode advir da análise e interpretação do auto. Portanto, este trabalho dedicar-se-á, num primeiro momento, à sua análise e interpretação, com o intuito de depreender seu tema. Inferido a mote, confrontá-lo-emos, então, com a doutrina do argelino, para verificar sua filiação ou não a ela. Traremos à tona também os pressupostos do tomismo aquinense para que percebamos efetivamente com qual das filosofias Gil Vicente travou diálogo.

II. A didascália inicial

Este auto presente foi feito á mui devota Rainha Dona Leonor, e representado ao muito poderoso rei Dom

¹ Flavia Maria S. Corradin é Professora Doutora de Literatura Portuguesa na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, onde obteve os títulos de Mestre e Doutora com os trabalhos **Antônio José da Silva, o Judeu: textos versus (con)textos** e **Camilo Castelo Branco: dramaturgia e romantismo**, respectivamente. Crítica literária, tem publicado ensaios e resenhas críticas em periódicos do Brasil e do Exterior.

Emanuel, seu irmão, por seu mandado, na cidade de Lisboa, nos paços da Ribeira, em a noite de endoenças; era da Senhor de 1508. (VICENTE, p. 1).

Examinemos a didascália inicial, que nos oferece o ponto de partida para a investigação a que nos propusemos. Antes, porém, cumpre esclarecer a data aí estampada, na medida em que parece ter havido engano na impressão. Pesquisadores como Braancamp Freire, I. S. Révah, António José Saraiva, Paul Teyssier, dentre outros, não têm dúvidas acerca de a data do auto ser a de 1518:

1508 — Estava D. Manuel na Chamusca (...); não pode pois estar certa a rubrica do **Auto da Alma**, visto que declara haver ele sido representado a D. Manuel nos paços da Ribeira, nas endoenças deste ano. (FREIRE, 1944, P. 541).

Retomando a rubrica, e deixando de lado o ano em que foi representado o auto, temos como certo tê-lo sido em “noite de endoenças”. Fernando de Mello Moser, no artigo **Liturgia e iconografia no Auto da Alma**, discute exaustivamente qual seria a “noite de endoenças” para concluir que é a de quinta-feira santa. (1962, 108).

O desenrolar da peça vem corroborar esteja Gil Vicente glosando a celebração litúrgica das indulgências, isto é, remissão dos pecados; por outro ludo, é lícito afirmar seja o auto a ilustração da **Reservatio**, em cuja origem encontramos duas cerimônias distintas: **In Coenia Domini** (Última Ceia do Senhor) e, nela inserida o *Lava-Pés*. Releva notar ainda que, no Direito Canônico, o termo **Reservatio** designa o direito reservado aos bispos ou papas de absolver certas almas que infringiram determinados dogmas da Igreja Católica. Daí podermos inferir seja o **Auto da Alma** a ilustração de toda a solenidade religiosa de quinta-feira santa — remissão dos pecados—, acrescida da Paixão e Morte de Cristo, ocorrida na sexta-feira santa.

Justifica-se pelo caráter doutrinal do auto que Gil Vicente tenha inserido a Paixão e Morte de Cristo, tema litúrgico da sexta-feira, na noite de endoenças. O Poeta fundiu duas cerimônias religiosas com a intenção de representar aos espectadores presentes no Paço da Ribeira, em “noite de

endoenças” o pensamento basilar sobre que se ergue a Igreja: Cristo morreu para nos salvar. O auto é portanto uma alegoria, dividida didaticamente em três partes: a) explicação do argumento; b) peregrinação da Alma em seu caminho à “eternal morada”; c) repouso da alma na Igreja para retemperar-se. Examinemo-las.

O argumento diz:

Assi como foi cousa muito necessaria haver nos caminhos estalagens, pera repouso e refeição dos cansados caminantes, assi foi cousa conveniente que nesta caminhante vida houvesse hũa estalajadeira, per refeição e descanso das almas que vão caminantes pera a eternal morada de Deos. Esta estalajadeira das almas he a Madre Santa Igreja; a mesa he o altar, os manjares as insignias da paixão. E desta prefiguração trata a obra seguinte. (VICENTE, p. 1).

Em seguida, uma das personagens, Santo Agostinho, procede à explicação do argumento. Por que se torna necessária a explicação? Duas hipóteses revelam o caráter didático desta moralidade; não há, de um lado, como saber se o argumento foi apresentado ao público, já que o texto teatral principia com a fala de Santo Agostinho; por outro lado, mesmo considerando, de alguma forma, ter sido explicado o argumento, Gil Vicente teria achado por bem torná-lo didaticamente claro aos espectadores. Do argumento podemos inferir alguns tópicos que serão amplamente divulgados pelo ‘esclarecedor’, na figura de Santo Agostinho. Consideremo-los:

a) esta “caminhante vida” é passagem para a “eternal morada”, na medida em que o ser humano, criado por Deus, deve retornar ao Criador:

Necessario foi amigos,
que nesta triste carreira
desta vida...;

Porque a humana transitoria
natureza vai cansada
em varias calmas;
nesta carreira da gloria
meritoria. ... (VICENTE, p. 1-2);

b) no argumento está claro que nem todas as almas se encaminham para a “eternal morada”. Note-se a restritiva, em “das almas que vão

caminhantes...”, a sugerir que apenas alguns seres humanos se encaminham ininterruptamente para a salvação:

Alma que he encomendada,
se enfraquece
e lhe vai tomando raio
de desmaio (VICENTE, p. 3);

c) a Igreja — estalagem — tonifica e retempera as almas, é meio, pois para se alcançar a salvação:

Se chegando a esta pousada,
se guarece . (VICENTE, p. 3);

d) Igreja serve no altar — mesa — os manjares — insígnias da Paixão e Morte de Cristo:

Pousada com mantimentos
mesa posta em clara luz,
sempre esperando
com dobrados mantimentos
dos tormentos
que o Filho de Deos na cruz
comprou, penando (VICENTE, p. 2).

Através do argumento e da consequente explicação, percebe-se o intuito moralizante do auto, explicitando que a finalidade da Criação reside no retorno da Criatura ao Criador. Para tanto, a Madre Santa Igreja abriga sim em seio aqueles que ali vão em busca do fortalecimento, sem o qual a alma enfraquecida, não alcançará a “eterna morada”. A Igreja assume a função de veículo para o fim último da salvação.

A primeira parte da fábula consiste no caminho percorrido pela Alma até a Igreja. A característica marcante deste percurso está no constante assédio que, ora o Anjo, ora o Diabo exercem sobre a Alma. Embora ambos a influenciem, é visceralmente diferente o papel desempenhado por um e por outro na peça e, por conseguinte, sobre a Alma. O Anjo, representa o bem tem a função de esclarecê-la a respeito do caminho a ser seguido; além disso constantemente insiste na finalidade da criação, ou seja, o retorno da Criatura ao Criador:

planta sois e caminheira
que ainda que estais, vos is

donde viestes
vossa patria verdadeira
he ser herdeira
da gloria que conseguis (VICENTE, p. 4).

Este caminho a ser cumprido exige de Alma constância, na medida em que a vida é uma passagem ininterrupta para a “eternal morada de Deos”, por isso o Anjo a exorta constantemente para correr, andar, continuar, jamais parar, conforme se pode verificar em diversas passagens do Auto:

Andae prestes. (VICENTE, p. 4);

Alma bem-aventurada,
dos anjos tanto querida,
não durmais;
hun ponto não esteis parada
que a jornada
muito em breve he fenecida,
se atentais. (VICENTE, p. 5);

Andemos a estrada nossa;
olhae não tomeis atras,
que o inimigo
à vossa vida gloriosa
porá grossa (VICENTE, p. 7);

Oh! Andae; quem vos detém?
Como vindes pera e gloria
Devagar . (VICENTE, p. 11).

É perceptível que o Anjo apenas a esclarece, pois em sua perspectiva, cabe à Alma agir. Agir significa caminhar em direção da “eternal morada”. Sem a ajuda da alma, ele não pode salvá-la, na medida em que sua função é de guia, aio.

Pera isso sam, e a isso vim;
mas enfim
cumpre-vos de me ajudar
a resistir. (VICENTE, p. 6).

Em contrapartida, o Diabo atua sobre a Alma, não simplesmente de forma passiva, como o Anjo, mas ativamente.

Vesti ora esse brial,
Metei o braço por aqui:

ora esparae
 Oh como vem tão real!
 Isto tal
 me parece bem a mi:
 Ora andae.
 uns chapins haveis mister
 de Valença: — ei-los aqui
 Agora estais vós mulher
 de parecer.
 Ponde os braços presumptosos:
 Isso si. Passai-vos mui pomposa,
 daqui pera ali, e de lá pêra cá,
 e fantasiai.
 Agora estais vós fermosa
 Como a rosa;tudo vos mui bem está.
 Descansae. (VICENTE, p. 12).

O Demônio, ao contrário do Anjo, a quer parada. Permanecer pecando é o que prega o Diabo. Atuando sobre ela, vestindo-a com os bens terrenos, ele a distancia do Criador.

Temos desta forma duas perspectivas no auto: a do Anjo, passiva, a do Diabo, ativa, gerando duas atitudes opostas na Alma: peregrinar em direção ao bem ou parar, isto é, ficar no mal. O conflito da peça está, portanto, no embate: ir **versus** permanecer.

Interessante notar que o Anjo constantemente a desampara, retirando-se de cena, para dar lugar ao mal, representado pelo Diabo. A Alma nunca está no palco, ao mesmo tempo, frente ao bem e ao mal. A explicação para o fato parece residir no que conceito agostiniano de que Deus criou o homem à sua imagem e semelhança; Deus é o bem, portanto o ser humano é potencialmente bom; o mal não é criação de Deus; só existiria, pois, por ausência do bem. O mal existe para exaltação do bem.

Por que o Anjo simplesmente esclarece a Alma? Por que sua atitude é passiva? Por que ele deixa a alma exposta ao mal? A resposta parece ser uma só:

Vosso livre alvedrio,
 isenta, fôrro, poderoco,
 vos ho dado
 polo divinai poderio
 e senhorio,

que possais fazer glorioso
 vosso estado.
 Deu-vos livre entendimento,
 e vontade libertada e a memória,
 que tendeis em vosso tento
 fundamento,
 que sois por ellee criada
 pera a gloria. (VICENTE, pp. 6-7).

É exatamente porque o Criador nos dotou de livre-arbítrio que o Anjo tem uma atitude passiva frente à Alma, ela é que deve agir para obter a salvação; é por isso também que ele frequentemente a abandona à sorte, dando oportunidade ao Diabo, para assediá-la. Enfim, é a Alma, e só ela quem tem que optar por salvar-se ou pela danação.

A Alma, no auto, caracteriza-se por ter memória que a levará a saber que veio do Criador e ele deverá retornar:

Sou uma alma que peccou
 culpas mortaes
 contra o Deos que me criou
 à sua imagem. (VICENTE, p. 21);

por ter entendimento, através do qual consegue discernir entre o bem e o mal:

Cal-te por amor de Deos,
 Leixa-me não me persigas;
 estorvares os erros
 dos altos ceos:
 que e vida em tuas brigas
 se me gasta.
 Leixa-me remediar
 o que tu, cruel, danaste
 sem vergonha:
 que não me posso abalar,
 nem chegar
 ao lugar onde gaste
 esta peçonha. (VICENTE, p. 5);

por ter vontade, podendo, portanto optar entre o bem e o mal:

Anjo que sois minha guarda,
 olhae por minha fraqueza terreal:
 de toda a parte haja resguarda,
 que não arda
 a minha preciosa riqueza

principal.
Cercae-me sempre ao redor,
porque vou mui temerosa
de contenda.
É precioso defensor,
Meu favor!
Vossa espada luminosa
me defenda. (VICENTE, p. 5).

Porém, como toda a humanidade, é fraca, deixando-se seduzir pelo mal:

Oh como estou preciosa,
tão dina para servir.
E santa pera adorar! (VICENTE, p. 16).

O caminho é doloroso; a Alma, fraca por natureza, foi seduzida pelo Diabo, o que torna a peregrinação até a “eternal morada” mais difícil: e as roupas e jóias que a vestem tornam-se um fardo; por diversas vezes, ela tropeça, quase cai, porém deseja ir, continuar, seguir seu aio:

Oh como vindes cansada
e carregada! (VICENTE, p. 21).

Dentro da Igreja — segundo nossa divisão, terceira parte ao auto —, vista como retemperante, a Alma, através de um longo diálogo, reconhece por ter memória e entendimento, sua culpa:

Sou a triste mézinha,
pecadora obstinada,
perfiosa;
pola triste culpa minha
mui mesquinha,
a todo o mal inclinada,
e deleitosa.
Desterrei da minha mente
os meus perfeitos arreios
naturaes;
não me prezei de prudente,
mas contente
me gozei c’os trajos feios
mundanaes. (VICENTE, p.22);

por ter vontade, expressa o desejo de retornar ao Criador, busca na Igreja o consolo e o fortificante para continuar em peregrinação até a “eterna morada”:

E, por mais graveza, sento
não poder-me arrepender
quanto queria;
que meu triste pensamento
sendo isento, não me quer obedecer,
como soía.
Socorrei, hóspeda senhora,
que a mão de Sataná
me tocou
e sou já de mim tão fora,
que agora
não sei se avante, se atrás,
nem como vou. (VICENTE, pp. 22-23).

Pelos fragmentos supracitados, a ideia de que Deus dotou a alma humana de livre-arbítrio parece ter ficado clara. O Anjo apenas a esclarece acerca de sua condição: ela veio do Criador e a Ele deve retornar. A alma humana é potencialmente boa porque feita à imagem e semelhança do Bem Supremo; ela é que deve agir, isto é, peregrinar constantemente, a exemplo de Jesus Cristo, para obter a salvação; remir seus pecados é doloroso, porém é este o caminho para a “eterna morada”; toda vez que a fraqueza humana fizer com que o mal a seduza, a Santa Madre Estalajadeira estará pronta para consolá-la, tonificando-a e, portanto, aliviando-a, mas não podemos nos esquecer, conforme apontamos alhures, de que essa Alma recebeu a graça divina, portanto ela está predestinada à salvação.

Examinemos, agora, a Santa Madre Igreja apresentada no auto. Segundo nosso Poeta, tendo em Santo Agostinho, Santo Ambrósio, São Jerônimo e São Tomás seus pilares, ela se ergue sobre doutrinas pertencentes à Patrística — filosofia cristã dos primeiros sete séculos, elaborada pelos Pais da Igreja, os primeiros teóricos — daí Patrística — e consiste na elaboração doutrinária das verdades de fé do Cristianismo e na sua defesa contra os ataques dos pagãos e contra as heresias — ou à Escolástica — linha dentro da filosofia medieval, surgida da necessidade de responder às exigências da fé, ensinada pela Igreja, considerada guardiã dos valores espirituais e morais de toda a

crisandade. O pensamento chave da Escolástica consiste na harmonização de duas esferas: a fé e a razão. No auto, temos representantes de ambas: Santo Agostinho, São Jerônimo, Santo Ambrósio viveram a Patrística; São Tomás de Aquino, a Escolástica. Mais tarde, voltaremos ao assunto a fim de aclará-lo.

Outro componente da Igreja vicentina é o ritualismo; o que a torna profundamente medieval, na medida em que o Humanismo e o Renascimento pretendem uma Igreja limpa de ritos. Além dos cânticos, superabundantes nesta terceira parte do auto, é aqui que o Poeta glosa duas passagens bíblicas: a endoença e a Paixão e Morte de Jesus Cristo. Analisemo-las.

Ao chegar à Igreja, com ela a Alma dialoga. Em seguida haverá a exposição dos “manjares” que devem ser saboreados para que se obtenha a salvação. Antes, porém, Santo Agostinho é convidado a entoar a oração à Virgem; logo após, São Jerônimo e Santo Ambrósio proferem paráfrases bíblicas com o intuito de levar a Alma à escolha do Bem Supremo. O primeiro passo, para que ela ingira os “manjares”, consiste na Purificação, que nada mais é que a glosa do Evangelho de São João (XIII, 1—15) cujo tema Lava-pés é desenvolvido na “noite de endoenças”, isto é, na quinta-feira santa. A purificação realiza-se através do ato fraterno de Jesus ao lavar os pés dos discípulos, enxugando-os com uma toalha que lhe cingia a cintura. Interessante notar que o gesto de humildade ocorreu durante a Última Ceia, quando Jesus sabia que seria traído por Judas Iscariotes, em cujo corpo habitava o Diabo. No auto, o lava-pés corresponde à purificação praticada sobre a alma:

Ora sus, venha água á mãos
Vós haveis—vos de lavar
em lágrimas da culpa vossa,
e bem lavada.
E haveis-vos de chegar
a alimpar
a hũa toalha fermosa,
bem lavrada
c'o sirgo das veias puras
da Virgem, sem mágoa nacido
e apurado,
torcido com amarguras
às escuras,
com grande dor guarnecido
e acabado. (VICENTE, p. 31-32).

Agora sim, limpa das impurezas, a Alma está apta a receber as “insígnias da paixão”, pois ela deve inspirar-se no exemplo de Jesus para alcançar a “eterna morada de Deus”. As três primeiras iguarias — os açoites (Mateus, XXVII, 26), a coroa de espinhos (Mateus, XXVII, 29), os cravos — são-lhe apresentadas por São Jerônimo:

Esta iguaria primeira
(...).
Gosta-la-heis com salsa e sal
de choros de muita dor; porque os costados
do Messias divinal
sancto, sem mal,
forão polo vosso amor
açoutados. (VICENTE, p. 33);

Est’outro manjar segundo
he iguaria.
Que haveis de mastigar,
em contemplar
a dor que o senhor do mundo
padecia,
pera vos remediar,
foi um tormento emprovisado,
que aos miolos lhe chegou:
e consentio,
por remediar o siso
que a vosso siso faltou;
e pera ganhades paraíso,
a soffrio. (VICENTE, p. 33-34);

Est’outro manjar terceiro
foi guisado
em tres lugares de dor,
a qual maior,
que a lenha do madeiro
mais pregado.
vio cravar com gram crueza
a tua riqueza,
e sua perla preciosa
vio furar. (VICENTE, p. 34).

Falta-nos a quarta iguaria; para recebê-la, a alma deve despir-se dos bens terrenos. O Anjo a esclarece desta necessidade e, mais uma vez, a Alma que, incitada pelo Anjo, decide desnudar-se:

Leixae ora esses arreios
 qu'est'outra não se come assi
 como cuidais.
 Pera as almas são mui feios,
 e são meios
 com que não andão en si os mortaes.

Despe a alma o vestido e as jóias que lh'o inimigo deu, e diz [Santo Agostinho]

ÓAlma bem aconselhada,
 que dais a seu a cujo he;
 o da terra à terra:
 agora ireis despejada
 pola estrada,
 porque vencestes con fé
 forte guerra. (VICENTE, p. 35).

Agora sim, destituída dos bens terrenos, a Alma está apta a adorar a quarta iguaria – o crucifixo:

Venha ess'outra iguaria.
 A quarta he tal, tão esmerada,
 dea tão infinda valia
 e contia,,
 que na mente divinal
 foi guisada, por mistério preparada
 no sacrario virginal,
 mui cuberta,
 da divindade cercada
 dada em offerta. (VICENTE, p. 35-36).

E, na fala final da Alma, arrependida de seus pecados, ela decide perfilhar o caminho do Bem Supremo, trilhando por livre vontade, amparada pela Igreja, “seus pilares”, seus ritos, numa palavra, Seu Cristo, o retorno a Ele.

Com que forças, con spirito,
 te darei, triste, louvares,
 que sou nada,
 vendo-te, Deos infinito,
 tão afflito,
 padecendo tu as dores,
 e eu culpada?
 Como estás tão quebrantado,
 Filho de Deos imortal!
 Quem te matou?
 Senhor, per cujo mandado
 es justicado,
 sendo Deos universal,
 que nos criou? (VICENTE, p. 36).

Percebemos que a Igreja em que Gil Vicente crê é a Instituição ideal, limpa da corrupção, em cuja base está Nosso Senhor Jesus Cristo. Ele é o Salvador, o único capaz de recolocar no caminho do bem aqueles que procuram abrigo em Sua Santa Madre Igreja.

A remissão dos pecados, rediviva pela Alma, nada mais é que a glosa do Evangelho, segundo São João (XVIII, 1. a XIX, 42), tema da missa ritual de sexta-feira santa: Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo.

As três vias para a Salvação da humanidade — purgativa, iluminativa, unitiva — são simbolizadas no auto, respectivamente, pelas lágrimas derramadas pela alma, pela exposição da Paixão de Cristo, através das três primeiras iguarias — açoites, coroa de espinhos e cravos e pela comunhão da Alma com o Cristo morto, na medida em que Ele sucumbiu para nos salvar — crucifixo.

Concluída a análise do auto, podemos afirmar que seu tema versa o livre-arbítrio humano, uma vez que a Alma, porque tem memória, entendimento e vontade, apesar das constantes tentações do mal, optou por unir-se a Deus, passo fundamental para a salvação eterna. Não nos esqueçamos, contudo, de que tal Alma, conforme já está sugerido no *Argumento*, é uma daquelas que obteve a graça divina, portanto estaria predestinada à salvação.

III. Síntese das propostas agostiniana e tomista

Neste auto, como esperamos tenha ficado claro, o pensamento religioso vicentino confere incondicional adesão ao livre-arbítrio humano. Primacial importância assume no auto a figura de Santo Agostinho: explicar o argumento; entoar a canção à Virgem; presidir, abençoando o altar; sem falar no lugar proeminente que o argelino ocupa como pilar da Igreja:

Santo Agostinho doutor,
Jerônimo, Ambrósio e Thomas
meus pilares. (VICENTE, p. 24).

Num primeiro momento, Santo Agostinho (*354, +430), antes da conversão ao Cristianismo, era adepto da doutrina maniqueísta, marcada pela existência de dois princípios absolutos: bem e mal. Mais tarde, depois de sua

conversão, contaminado pelo neoplatonismo², via Plotino (*205, +232), busca promover a conciliação das verdades reveladas, isto é, da fé, essência do Cristianismo com a filosofia, ou seja, a razão. Ainda, inspirado em Platão, notadamente no “mito da caverna”, cria a ideia da iluminação divina, uma vez que concebe serem todas as proposições verdadeira iluminadas pela luz divina, portanto todo conhecimento, conforme já explicara Platão, é reminiscência. A diferença entre as propostas de Platão e de Santo Agostinho estaria no fato de o argelino conceber a percepção do inteligível da alma como irradiação da luz divina, não como descoberta de um mundo passado, conforme explica. Platão. Assim, a alma não passaria por uma existência anterior, mas existiria uma luz eterna, a qual procede de Deus, que possibilitaria o conhecimento das verdades eternas. Portanto, para Santo Agostinho, todo conhecimento verdadeiro é um processo de iluminação divina. Ainda dentro dos pressupostos agostinianos, Deus, por sua essência trina, é criador de todos os seres, na medida em que é a plenitude do ser, é a perfeição máxima, é o bem absoluto. Assim, o bem = Deus é o único princípio existente, enquanto o mal seria a privação do bem. Aqui está a retomada do maniqueísmo, em que há dois princípios absolutos — bem e mal — sob a roupagem cristã.

O homem, criatura privilegiada na ordem das coisas, porque feito à imagem e semelhança de Deus, desdobra-se nas três pessoas da trindade, que serão reveladas pelas três faculdades da alma: memória, que se caracteriza pela persistência de imagens produzidas pela percepção sensível, isto é, a essência — Deus Pai; entendimento: marcado pelo verbo, ou seja, razão e verdade — Filho; vontade: expressão humana do amor — Espírito Santo. Nesta última reside o centro da personalidade humana, porque

² Según los neoplatónicos, el principio de todo lo existente es la unidad absoluta, lo Uno, realidad suprema, de la que surgen todas las demás realidades por *emanación*. El primer ser emanado del Uno es el *Logos*, llamado también Verbo, Inteligencia, que contiene las ideas de las cosas posibles. Después, la Inteligencia engendra el Alma, principio del movimiento y de la materia. El Uno, la Inteligencia y el Alma son las tres hipóstasis de la Trinidad neoplatónica. El ser engendrado se esfuerza en ascender hacia la perfección de que emana. Todo viene del Bien y tiende hacia el Bien. Para que el Alma se una al primer principio es preciso que supere el pensamiento y que, por el éxtasis, se confunda con Dios y pierda toda consciencia de sí misma. Plotino estaba convencido de haber llegado, dos o tres veces en su vida, a esta unión íntima con la más alta hipóstasis. (<http://es.wikipedia.org/wiki/Neoplatonismo>)

essencialmente criadora e livre, nela há a possibilidade de o homem afastar-se de Deus, isto é, distanciar-se do Ser — bem — e aproximar-se do não ser — mal. A essência do pecado está, pois, no livre-arbítrio. Assim, a queda do homem é de sua inteira responsabilidade, pois detém o livre-arbítrio, este, porém, não é responsável por fazer o homem retornar às origens divinas. A salvação não é apenas uma questão de querer, mas de poder, que é privilégio de Deus. Estamos, pois, diante da incômoda questão da predestinação. Só através da graça divina, o homem poderá lutar contra as tentações. Sem ela, o livre-arbítrio pode distinguir o certo do errado, mas não pode tornar o bem um fato concreto. Só através da graça e do livre-arbítrio se atinge o bem eterno, porém, como já parece ter ficado claro, nem todos os homens recebem, na concepção do autor de **Meditações**, a graça das mãos de Deus, apenas alguns eleitos, predestinados à salvação. Vale lembrar que aqui reside a base do Calvinismo.

Santo Agostinho tudo fez para conciliar duas teses opostas: livre-arbítrio e predestinação. Por um lado, todos são livres para escolher o pecado, isto é, a ausência do bem e são responsáveis por tal escolha; por outro, a graça é sobremaneira eficaz, pois a vontade não é capaz de nenhum bem sem seu concurso. Ao fim e ao cabo, apenas um pequeno número de eleitos atingirá a *Cidade de Deus*. Essa questão parece estar presente no auto, embora, concordamos, de forma bastante incipiente (ou seria insipiente?).

Passemos os olhos sobre a obra de dois outros representantes da Patrística presentes no auto: Santo Ambrósio (*340, +397) e São Jerônimo (*345, +397). O primeiro revela-se notável pelo caráter edificador e catequético conferido a sua obra, jamais composta à luz de filosofias especulativas, pregando ritualisticamente através da adução de hinos e por meio do culto aos santos, pouco depois tornados populares, estimulava os fieis à prática da fé cristã. O segundo, conhecido pela exegese realizada da Escritura, sobre ser autor da *Vulgata*, a tradução latina do Antigo Testamento, notabilizou-se pela prudência com que dirigia as almas.

Três dos maiores representantes da Patrística figuram, pois, no **Auto da Alma**. O quarto, São Gregório, é curiosamente substituído por um escolata,

São Tomás de Aquino (*1225, +1271). Por quê? O exame da doutrina do aquinense vem reforçar o tema recorrente do auto: o livre-arbítrio.

O cerne da doutrina tomista reside na fusão entre a filosofia grega, nomeadamente a aristotélica, e a revelação bíblica. Intentando provar a existência de Deus através de cinco vias racionais, concilia, se levarmos em conta a perspectiva ortodoxa da Patrística, centrada na fé, heterodoxamente a razão e a fé. Resumidamente, as cinco vias são: a) “tudo que se move é movido”, sendo Deus o Primeiro Motor imóvel; b) uma coisa não pode ser causa de si mesma, portanto, Deus é a causa primeira; c) tudo está em constante transformação; alguns seres são gerados, outros deixam de existir; se algo existe, é porque participa do necessário — Deus é o necessário absoluto; d) há graus hierárquicos de perfeição, cujo termo comparativo é Deus; e) há uma inteligência superior — Deus —, organizando tudo no Universo.

Portanto, o homem, porque dotado de razão, pode compreender inteligivelmente a existência de Deus. Se ampliarmos o conceito, chegaremos ao ponto fulcral da teoria tomista que mais de perto nos interessa: o livre-arbítrio. Segundo São Tomás de Aquino, o homem atua por intermédio de um juízo na medida em que tem a faculdade do conhecimento. Este juízo, porém, não é fruto de um instinto natural, mas de uma síntese racional, conseqüentemente o homem age de acordo com um juízo livre. A inteligência, porque emite juízos, é a causa do livre-arbítrio; seu sujeito, entretanto, uma vez que faz escolhas, é a vontade. Assim considerado, ao aceitarmos uma escolha em detrimento de outra, estamos frente a uma opção racional, inerente ao homem. Ouçamos o que diz João Ameal acerca do assunto:

A verdadeira liberdade humana não é um fim, é um meio — um meio cujo valor ético depende do fim visado. E a máxima nobreza do ser racional consiste em usar essa liberdade de maneira a convertê-la em instrumento do próprio resgate e da conquista da beatitude, em servir Deus que criou em modelar, por suas mãos, o destino a que está ordenado pelo seu Criador. (1947, p. 440),

que em última instância, leva ao retorno a Deus.

Antes de voltarmos ao auto a fim de concluir, cabe—nos visitar brevemente os conceitos de Bem e de Mal, à luz da doutrina tomista. O aquinense, ao contrário dos maniqueístas, afirma não existir o mal. Se retornarmos à quarta via, por intermédio da qual São Tomás explica a existência de Deus, veremos que Ele é a Perfeição (= Bem) Supremo; sob esta óptica, as criaturas são bens em potencial; o mal, portanto, nada mais é que a privação do bem, em maior ou menor grau, conforme a deficiência da criatura:

Em resumo: é preciso que exista o bem para que o mal apareça, como enfermidade ou exclusão do bem.” (1947, p. 440).

IV. Conclusão

Agora sim, estamos aptos a concluir nosso estudo na medida em que expusemos as doutrinas filosófico-teológicas que, de uma maneira ou da outra, são glosadas no **Auto da Alma**.

Através da análise e interpretação da peça, pretendemos ter deixado assente seu tema girar em torno da questão do livre-arbítrio. A Alma opta, por livre e espontânea vontade, embora faça parte do pequeno número de eleitos, conforme já apontamos fica sugerido no *Argumento*, além de ser constantemente esclarecida por seu Anjo da Guarda, que tudo faz para encaminhá-la em direção ao bem. Esta Alma é uma daquelas que, criadas à imagem e semelhança do Criador, porque tem memória, entendimento e vontade, mesmo sendo fraca, busca apoio e guarida na Santa Madre Igreja, a fim de cumprir seu papel: o objetivo último da criatura é retornar ao Criador. O Anjo Custódio, representante do bem, nesta peregrinação da Alma rumo à “eterna morada de Deus”, constantemente está ausente, desamparando-a. Quando isto acontece, a alma é assediada pelo mal, representado pelo Diabo. Parece-nos lícito afirmar que, na perspectiva do auto, o mal está presente apenas como privação ou ausência do bem, aspecto doutrinal que figura na teologia tanto do argelino depois da conversão, quanto do aquinense. Relevar notar que Anjo e Diabo jamais contracenam. Embora seduzida pelo Demônio, a Alma continua andando em direção à “eterna morada”, cujo intermediário é a Igreja. Porque dotada pelo Criador de livre-arbítrio, ela optou racionalmente

pelo caminho do Bem em detrimento do mal. Retemperando-se na Igreja, através da remissão dos pecados — purificação —, da adoração das insígnias da Paixão — iluminação — e da comunhão com Deus através do culto ao Crucifixo — união —, e porque ela recebeu a graça divina, ela optou pelo bem, retornando ao Criador.

Não precisamos ir mais além para corroborar e tese de que, aliada à glosa da Liturgia, o auto “inspira-se” nas doutrinas de Santo Agostinho, na medida em que a Alma, porque tem memória, entendimento e vontade, além de ter recebido a graça divina, optou pelo bem e de São Tomás de Aquino, uma vez que, ainda porque tem inteligência e a vontade, respectivamente, causa e sujeito do livre-arbítrio, busca reencontrar-se com o Criador. As presenças de Santo Ambrósio, por ter sido incansável edificador e catequista, e de São Jerônimo, cuja prudência com que “dirigiu as almas” o notabilizou, são perfeitamente justificáveis no auto, já que Gil Vicente cria numa Igreja ideal, fundada na fé em Cristo e nos motivos ritualísticos, capazes de influenciar moralmente seus espectadores na decisão de perfilhar o caminho do bem com o fim último de retornar ao Criador.

Parece-nos, pois, que o privilégio dado à figura de Santo Agostinho no auto, tem a ver com uma questão intrínseca em Gil Vicente: sua cabal religiosidade de cunho medieval, portanto mais afinada com a proposta agostiniana. Contudo a questão da predestinação que subjaz a filosofia do argelino, embora fique sugerida, num momento importante do auto — *Argumento* — não mais aparece dando grande ênfase ao livre-arbítrio, que, convenhamos, é um pensamento mais “politicamente correto”. É como se disséssemos, Gil Vicente, no fundo no fundo, concorda com os pressupostos agostinianos, porém não insiste na questão da predestinação, dando importância apenas ao livre-arbítrio. Ao fim e ao cabo, tanto o autor da **Cidade de Deus** quanto o do **Auto da barca do inferno** parecem estar bastante incomodados em conciliar dois aspectos tão antagônicos inerentes ao pensamento cristão. Assim, Gil Vicente parece querer camuflar a questão, colocando em cena o aquinense, uma vez que a essência do tomismo, porque

baseado na vontade e inteligência, defende incondicionalmente o livre-arbítrio humano.

Bibliografia

AMEAL, João. **São Tomás de Aquino**, 3ª ed., Porto, Livraria Tavares Martins, 1947.

BERNARDES, José Augusto. **Sátira e lirismo no teatro de Gil Vicente**, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2006

BRAANCAMP FREIRE, Anselmo. **Gil Vicente Trovador Mestre da Balança**. 2ª ed., Lisboa, Revista do Ocidente, 1944.

MOSER, Fernando de Mello. Liturgia e Iconografia na Interpretação do Auto da Alma. **Revista de Letras de Lisboa**, Lisboa, 3ª série, nº 6, 1962, pp. 80—112.

PRAAT, Oscar de. **Gil Vicente** (notas e comentários). 2ª ed., Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1970.

SANTO AGOSTINHO. **Os Pensadores**, 2ª ed., São Paulo, Abril Cultural, 1980.

VICENTE, Gil. **Obras Completas** (prefácio e notas de Marques Braga), Lisboa, Sá da Costa, 1942, vol. 2.

TEYSSIER, Paul. **Gil Vicente — O Autor e a Obra**, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1982.

TOMÁS DE AQUINO. **Os Pensadores**. 2ª ed., São Paulo, Abril Cultural.